

EDUCADOR

ISSN 1984-8668
Ano XXVII – Nº 106

EDUCADOR é uma revista destinada a educadores religiosos, professores de EBD, estudantes e líderes em geral

Copyright © Convicção Editora
Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução deste texto total ou parcial por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.) a não ser em breves citações, com explícita informação da fonte

Publicado com autorização
por Convicção Editora
CNPJ (MF): 08.714.454/0001-36
Registro Nº 020830 no INPI

Endereços

Telegráfico – BATISTAS
Caixa Postal: 13333
Rio de Janeiro, RJ – CEP: 20270-972

Editor

Sócrates Oliveira de Souza

Coordenadora Editorial

Solange Cardoso de Abreu d'Almeida
(RP/16897)

Redatora

Jane Esther Monteiro de Souza
de Paula Rosa

Conselho Consultivo

Rosane Andrade Torquato – PR
Madalena de Oliveira Molochenco – SP
Pedro Jorge de Souza Faria – RJ
Ivone Boechat de Oliveira – RJ

Produção Editorial

Oliverartelucas

Produção e Distribuição

Convicção Editora
Tel.: (21) 2157-5567
Rua José Higino, 416 – Prédio 16 – Sala 2
1º Andar – Tijuca – Rio de Janeiro, RJ
CEP 20510-412
literatura@conviccaeditora.com.br

Colaboradores desta edição

Analizira Nascimento
Elana Costa Ramiro – SP
Eliene Pereira da Silva Dias – DF
Izia Barbosa Brito de Araújo – PE
Mirliane Ferreira Martins Goulart – GO
Madalena de Oliveira Molochenco – SP
Marinaldo Alves de Lima – PE
Oswaldo Luiz Gomes Jacob – RJ
Patrícia Mota Garcia – RJ
Priscila Mariano da Silva Mota – RJ
Silvino Carlos Figueira Netto – RJ



Editorial

ENSINANDO COM TODA A LIBERDADE

O tema deste ano da CBB é “Ensinando a mensagem do reino de Deus” e a divisa é “Pregando o reino de Deus, e ensinando com toda a liberdade as coisas pertencentes ao Senhor Jesus Cristo, sem impedimento algum” – Atos 28.31.

Do início ao fim de Atos percebemos a pregação da Palavra de Deus, o ensino das coisas concernentes ao reino de Deus e os sinais, curas, prodígios e maravilhas sendo realizadas. Atos termina sem terminar, sem um fecho, mas com o indicativo de que a obra de evangelização e pregação continuariam com toda a intrepidez, sem impedimento algum. Essa frase comovente ocorre na conclusão do texto grego de Atos. Para Lucas e Paulo, a mensagem sobre Jesus e o glorioso reino de Deus deveria seguir adiante em triunfo.

A obra de Deus não pode e não será interrompida. O mundo ouvirá as boas-novas de Jesus Cristo. Por meio da EBD, temos a oportunidade de formar os evangelizadores. A questão é: você fará parte deste grande empreendimento? Atos termina sem fim. Sabem por quê? Porque nós somos a continuação dessa história até a vinda de Jesus Cristo. Que Deus nos use para a sua glória!

A Profa. Mirliane Ferreira Martins Goulart, no artigo “Inclusão social e digital em um ambiente contextualizado e significativo”, fala que o desenvolvimento da criança deficiente intelectual dependerá de fatores que favoreçam o seu aprendizado.

No artigo “Ensinando o que temos aprendido do Mestre”, o Pr. Marinaldo Alves de Lima afirma que a responsabilidade que os apóstolos assumiram em relação ao ensino não foi por acaso.

A Profa. Izia Barbosa Brito de Araújo, em seu artigo “Evangelismo e discipulado na Escola Bíblica Dominical”, afirma que princípios não mudam. Eles indicam a vontade de Deus para seu povo e como agir de maneira que a multiforme graça se manifeste.

A Profa. Elana Costa Ramiro, no artigo “Gestão educacional na igreja: o que você precisa saber”, fala que a gestão pode ser uma ferramenta indispensável para o alcance da missão educacional da igreja.

Nos demais artigos, refletiremos sobre a Bíblia, a Palavra de Deus, além das Sugestões de Livros, do Educador em Destaque, Vale a Pena LER de Novo e de muitas novidades e informações que, por certo, serão bênçãos para todos nós, leitores.

ÍNDICE

1	Expediente e editorial Ensinando com toda a liberdade <i>Jane Esther Monteiro de Souza de Paula Rosa – RJ</i>
2	Índice
3	Educação geral Inclusão social e digital em um ambiente contextualizado e significativo <i>Mirliane Ferreira Martins Goulart – GO</i>
5	Resenha Os sete saberes necessários à educação do futuro <i>Madalena de Oliveira Molochenco – SP</i>
7	Educação teológica Ensinando o que temos aprendido do Mestre <i>Marinaldo Alves de Lima – PE</i>
11	Educação cristã Gestão educacional na igreja – o que você precisa saber <i>Elana Costa Ramiro – SP</i>
15	Educação cristã Estaria a EBD preparada para receber a criança e o adolescente com TDAH? <i>Patrícia Mota Garcia – RJ</i>
17	Educação cristã Evangelismo e discipulado na Escola Bíblica Dominical <i>Izia Barbosa Brito de Araújo – PE</i>
21	Educação cristã As competências do cristão do século XXI <i>Eliene Pereira da Silva Dias – DF</i>
25	Educador em destaque e Da Mesa da Redação <i>Priscila Mariano da Silva Mota – RJ</i>
27	Para pensar O mundo mudou <i>Analizira Nascimento</i>
29	Vale a pena LER de novo Como despertar na criança o interesse pela leitura <i>Silvino Carlos Figueira Netto – RJ</i>
31	Sugestão de livros 1. Título: A igreja autêntica – Autor: <i>John Stott</i> 2. Título: Ensinando para transformar vidas – Autor: <i>Howard Hendricks</i> 3. Título: Irmãos, nós não somos profissionais – Autor: <i>John Piper</i>
32	Última palavra Não há rosas sem espinhos <i>Oswaldo Luiz Gomes Jacob – RJ</i>





Inclusão social e digital em um ambiente contextualizado e significativo

O trabalho da educação inclusiva estende-se a atender aos portadores de necessidades especiais dando a eles o direito de uma educação de qualidade estando-a incluída no rol dos direitos humanos em diversos tratados internacionais, a declaração universal dos direitos humanos. Observa-se que está se discutindo a prática docente voltada para as necessidades educacionais especiais e as tecnologias de informação e comunicação, introduzindo cada vez mais atividades didáticas.

As tecnologias de informação e comunicação, instigam e estimulam o aprendizado dos alunos. Uma das ferramentas é o uso do computador

pelos alunos com necessidades especiais que auxilia em qualquer que seja o grau de necessidade do alunado, pois o computador é uma ferramenta que propicia um trabalho lúdico-pedagógico, manuseado ou explorado por um educador que apresenta habilidades e conhecimentos para lidar com as ferramentas de acordo com a necessidade de cada educando. Dessa maneira, deve-se ter uma reflexão sobre uma educação significativa e atrativa dentro de uma proposta inclusiva, situando o educador com as necessidades e as limitações de cada educando.

São indispensáveis as adaptações sobre inclusão de alunos com deficiência em salas de aulas comuns. Por

vezes, pequenas adaptações nas atividades são suficientes para ser sucesso. Francisco S. Bueno (1999) descreve que se não fizer parte integrante de uma política efetiva de diminuição do

A INSERÇÃO DE UMA DISCIPLINA OU A PREOCUPAÇÃO COM CONTEÚDO SOBRE CRIANÇAS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS PODE REDUNDAR EM PRÁTICAS EXTREMAMENTE CONTRÁRIAS AOS PRINCÍPIOS E FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

fracasso escolar e de uma educação inclusiva com qualidade, a inserção de uma disciplina ou a preocupação com conteúdo sobre crianças com necessidades educativas especiais pode redundar em práticas extremamente contrárias aos princípios e fundamentos da educação inclusiva. Nessa visão somente a presença da legislação (no papel) não assegura direitos.

Desse modo, a articulação entre o professor de sala de aula e o profissional que atende a criança especial, deve ter como objetivo principal a garantia das condições necessárias ao ensino e à aprendizagem das crianças com deficiências em um ambiente contextualizado e significativo.

Nesta perspectiva, o professor deve saber sobre o histórico pessoal e escolar do aluno com deficiência, informar-se com a família e o médico sobre o estado de saúde e quais os efeitos dos remédios. Entrevistas e diálogos com os profissionais responsáveis pelo aluno para a confirmação do nível de aprendizagem, bem como seus gostos e desejos, visando completar a verificação dos resultados, para uma análise do crescimento da parte afetiva e social.

Lev Vygotsky (1984) pontua que, na relação entre desenvolvimento e aprendizado, somente o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra

forma, seriam impossíveis de acontecer. Seguindo essa perspectiva, o educador assume o papel de mediador, oferecendo suporte ao aluno na sua ZPD (zona de desenvolvimento proximal). Dessa maneira, as tecnologias da informação e comunicação (TIC) são concebidas como um recurso pedagógico que necessita de uma mediação do professor, para que possam ser efetivas no processo de ensino-aprendizagem e apoiar as atividades dentro da metodologia aplicada ao deficiente intelectual.

Utilizar as TIC num contexto de mediação é a forma mais apropriada de garantir a aprendizagem significativa dos alunos. A convivência com o deficiente intelectual nos posiciona, muitas vezes, em superar conflitos e barreiras existentes e preestabelecidas pela própria família, pela sociedade e pessoas da própria instituição. O desenvolvimento da criança deficiente intelectual depende de fatores que favorecem seu aprendizado, em especial as atitudes e o convívio afetivo das pessoas que convivem com elas. Corrigir comportamentos e atitudes extremas de proteção à rejeição.

A comunidade escolar precisa compreender a importância da utilização de novos recursos tecnológicos no processo de aprendizagem em todos os níveis e modalidades da educação básica. Na utilização com alunos com deficiência, esses recursos precisam ser direcionados a atender a especificidade de cada caso, levando em consideração aspectos próprios de cada deficiência.

As tecnologias vieram para ficar e ocupar espaço na vida das pessoas e a escola precisa estar atenta a essas mudanças, e não se colocar à margem desses recursos. A escola precisa investir em formação continuada para professores e demais profissionais e olhar esses novos recursos como aliados e não como concorrentes da atenção dos alunos.

O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DEFICIENTE INTELECTUAL DEPENDE DE FATORES QUE FAVORECEM SEU APRENDIZADO, EM ESPECIAL AS ATITUDES E O CONVÍVIO AFETIVO DAS PESSOAS QUE CONVIVEM COM ELAS

Como educadores queremos sempre comparar a educação e a própria escola com a que tivemos em nossa época, com isso devemos ter consciência que a sociedade está em constante transformação e devemos acompanhar essas mudanças e absorver o que for positivo para o processo de ensino-aprendizado e, como professores e educadores, precisamos estar atentos a esses movimentos. Ainda, nesse contexto de grandes transformações tecnológicas, a apropriação desses por parte da escola é um ganho significativo para a aprendizagem dos alunos ditos “normais” ou especiais.

REFERÊNCIAS

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BUENO, J. S. *Crianças com necessidades educativas especiais, política educacional e formação de professores: generalistas ou especialistas?* Revista Brasileira de Educação Especial, v.5, p. 7-25, 1999.

Mirliane Ferreira Martins Goulart

Membro da Igreja Batista no Criméia Leste, Goiânia, GO. Formada em Teologia Básica-FADEIT; Gestão de Empresa-UniAnhanguera; Licenciatura Plena em Pedagogia – UEG; Psicopedagogia – FACETEN; Mestranda em Ciências da Educação – UNINI; diretora EDB e promotora de missões.

O PROFESSOR DEVE SABER SOBRE O HISTÓRICO PESSOAL E ESCOLAR DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA, INFORMAR-SE COM A FAMÍLIA E O MÉDICO SOBRE O ESTADO DE SAÚDE E QUAIS OS EFEITOS DOS REMÉDIOS

Os sete saberes necessários à educação do futuro

INFORMAÇÕES ¹

Edgar Nahoun (que mais tarde adotará o sobrenome “Morin”), autor de *“Os sete saberes necessários à educação do futuro”* nasceu em Paris no dia 8 de julho. É o filho único de um casal de judeus sefarditas (descendentes dos judeus expulsos da Península Ibérica em 1492/1496). Desde cedo, expressa sua apreciação pelo cinema, livros, música e política estando envolvido em atividades políticas desde muito cedo na Frente Popular e na Guerra Civil Espanhola. Viveu e conviveu com a segunda guerra mundial tendo nessa época influência socialista. O livro, *“L’An Zéro de l’Allemagne”* (O Ano Zero da Alemanha) foi o primeiro de uma série que têm sido apontados como grandes contribuições ao pensamento do século XX.

Quando escreveu *“L’Homme et la Mort”* (O homem e a morte), Morin formaria a base de sua cultura transdisciplinar enfocando a geografia humana, etnografia, pré-história, psicologia infantil, psicanálise, história das religiões, ciência das mitologias, história das ideias, filosofia. Como conferencista, já esteve em diversos países, inclusive, no Brasil mais de uma vez participando de Congressos e Palestras em Associações e Universidades. A Morin foi solicitado pela UNESCO escrever sobre a educação do amanhã e traz a obra *“Os sete saberes necessários à educação do futuro”* que se torna uma grande contribuição ao tema.

¹ <http://edgarmorin.sescsp.org.br> – acesso em 05/02/2007



RESUMO

Toda sociedade regida por sua própria cultura precisa tratar de sete saberes que são considerados como necessários e fundamentais à educação do futuro, a saber:

1. As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão – Uma das preocupações da educação é a transmissão de conhecimento. Entretanto, é importante que esteja alerta quanto à possibilidade do “erro e da ilusão”. O ser humano, por sua própria natureza, determina que coisas vai aceitar ou rejeitar. A mente exclui o que não convém ou o que não consegue assimilar e para isso faz uso da razão. A racionalidade analisa e critica. A racionalização cai no perigo de se formar um modelo “mecanicista e determinista” e nega a contestação. O ser humano, em sua natureza, cria as ideias e ao mesmo tempo é dirigido

por elas. Muitas destas provêm de sua característica a “noosfera – a esfera das coisas do espírito” (p. 28).

2. Os princípios do conhecimento pertinente – Um conhecimento isolado perde seu valor quando não está inserido em conhecimentos parciais e globais. Todo conhecimento deve estar inserido no todo e não visando somente partes. O conhecimento pertinente é aquele que é capaz de situar qualquer informação em seu contexto, no conjunto em que está inserido. Para isso, é necessário levar-se em conta a compreensão, a percepção do objeto, das pessoas, dos acontecimentos e as relações estabelecidas.

3. Ensinar a condição humana – Compreender o ser humano com todas as múltiplas complexidades do que significa este “humano” é o desafio para o futuro. Leva-se em conta sua condição cósmica pertencente a um universo complexo; sua condição física e suas potencialidades e limitações, sua condição de ser vivente terrestre, sua condição humana como ser animal. A sociedade e a cultura marcam com sua diversidade e pluralidade as características do humano e constituem desafio para a educação do futuro.

4. Ensinar a identidade terrena – A necessidade de conscientizar o estudante a se apropriar de sua condição terrena constitui importante aspecto. Somos todos seres pertencentes ao mesmo conjunto global. A “planetarização”, característica do

desenvolvimento do planeta terra, traz em sua história aspectos que o unem como, por exemplo, por meio da tecnologia e aspectos que o desunem como a não compreensão das diferenças entre as nações.

5. Enfrentar as incertezas – O mundo é uma constante de mudanças. Inovações e criações geram mudanças constroem novas perspectivas e destroem o construído. É a incerteza, é o risco. Cabe à educação ensinar o enfrentamento das incertezas ajudando o estudante a manter uma constante vigilância nas mudanças.

6. Ensinar a compreensão – A missão espiritual da educação é ajudar as pessoas a manterem um espírito colaborativo, com foco na empatia, na identificação com o outro num processo constante de aprender.

7. A ética do gênero humano – A democracia chama pela autonomia dos indivíduos. Entretanto, é frágil, incompleta e vive seus conflitos. O avanço tecnológico apesar de grandes contribuições, traz o prejuízo da “fragmentação do saber”.

CRÍTICA

A obra *“Os sete saberes necessários à educação do futuro”* vem atrelada ao tema central do Relatório da Comissão Internacional sobre a educação para o século XXI com enfoque no *conhecer, fazer, conviver e ser*. Em cada item, o leitor vai criando uma identificação com os problemas do presente século. Entretanto, sua linguagem é complexa, argumentativa e exige do leitor cuidado e atenção. Quando inicia falando sobre o erro e a ilusão, Morin com muita propriedade argumenta sobre como o ser humano, em contato com o conhecimento, pode vir a se deixar levar. A educação pode ajudar o homem a ter uma consciência mais crítica. Este primeiro momento do livro se articula muito bem com o que se segue que é o conhecimento pertinente que é aquele “capaz de situar qualquer

informação em seu contexto”². Isabel Alarcão³ ao falar sobre a formação de professores parte do conceito do conhecimento pertinente e diz que se este conceito é válido para a educação é igualmente válido para o que se realiza em educação, ou seja, o trabalho do professor. Para intervir é preciso analisar os contornos da crise, perceber os factores que estão na sua gênese, congregar esforços e intervir sistemática e coerentemente”⁴. O item destinado à conscientização do planeta terra, identidade terrena, faz reforçar o que tem sido palco de acirradas discussões e de tantas lutas que alguns grupos levantam como bandeira. Cuidar do planeta terra, harmonizar todas as forças na busca de um modo de vida mais feliz para todos é importante tarefa da educação. A concorrência desleal, a competitividade destruidora não trazem benefícios para o ser humano quando visto em sua integralidade. Aliás, Morin quando se refere ao ser humano sempre o coloca como espécie, observando sua integralidade, um ser integral histórica e socialmente. A condição de humano complexo, é descrito de forma igualmente complexa constituindo uma leitura que exige esforços para sua compreensão. Enfrentar as incertezas e ensinar a compreensão constituem, no parecer desta resenhista em um dos aspectos mais importantes de toda esta obra. A frase “aprender a navegar em um oceano de incertezas em meio a arquipélagos de certeza” (p. 91) provoca no leitor um momento de reflexão que o leva a parar para pensar na velocidade com que o conhecimento se desenvolve. Há que afirme que o ser humano não é capaz de captar um bilionésimo de informações que estão disponíveis a ele. A incerteza decorrente desta aceleração faz lem-

² MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

³ ALARCÃO, Isabel. *Professores reflexivos em uma escola reflexiva*. São Paulo: Cortez, 2003.

⁴ Idem. p. 15.

brar as palavras de Larossa⁵ que afirma que a experiência “requer um gesto de interrupção: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar (...) parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes (...) falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, e ter paciência e dar-se tempo e espaço”. Quando Morin delega à educação o “ensino das incertezas”, concorda com Larossa quanto a este momento de “parar para” (...) a compreensão desta complexidade do ser humano, buscando fazer com que cada experiência vivida traga um sentido e significado em meio a este “oceano” de incertezas. A forma como o autor descreve a dialética compreensão/incompreensão desafia o leitor a pensar seu papel de educador, educando, cidadão, pai, mãe, patrão, enfim, seu papel na sociedade.

Conclusão – A linguagem e o estilo literário de Morin requerem atenção e concentração do leitor. Em alguns capítulos, o desenvolvimento dos textos em subtítulos são curtos e parecem pedir maiores esclarecimentos caracterizando um estilo de escrita. A presente obra traz uma contribuição à área da educação que recomendo ao leitor interessado no presente e no futuro da educação.

⁵ LAROSSA, Jorge Bondia. *Nota sobre a experiência e o saber da experiência*. Leituras (textos-subsídio ao trabalho pedagógico das Unidades da rede Municipal de Educação de Campinas). Campinas, 2001.

Madalena de Oliveira Molochenco

Igreja Batista Betel, São Paulo, SP. Bacharel em Teologia com especialização em Educação Religiosa, Licenciatura em Pedagogia, pós-graduação em Magistério do Ensino Superior e Psicopedagogia, pós-graduação em Formação de Professores para o Ensino Religioso Escolar, Mestre em Distúrbios do Desenvolvimento, Doutora em Educação. Professora da Faculdade Teológica Batista de São Paulo há mais de 20 anos, onde hoje desempenha a função de coordenadora acadêmica.



Ensinando o que temos aprendido do Mestre

Certa vez, os discípulos de Jesus lhe fizeram um pedido: “*Senhor, ensina-nos a orar, como também João ensinou aos seus discípulos*” (Lc 11.1b). Este é o pedido mais pertinente que um discípulo pode fazer ao seu mestre: que ele ensine alguma coisa. Sim, porque é próprio do mestre ensinar e também é natural que o discípulo deseje aprender. No caso específico, os discípulos pediram ao Mestre por excelência, que os ensinasse a atitude mais sábia que alguém pode adotar para sentir-se seguro: orar ao Pai, ao nosso Deus Todo-poderoso.

O tema da Convenção Batista Brasileira para este ano – ENSINANDO

A MENSAGEM DO REINO DE DEUS – nos faz pensar na grande responsabilidade que temos como igrejas, pastores e educadores de aperfeiçoar o ensino para os nossos irmãos em Cristo, sobretudo, para os novos na fé. Esta foi uma preocupação desde os primórdios da igreja, conforme lemos em Atos 5.42: “*E todos os dias, no templo e nas casas, não cessavam de ensinar, e de anunciar a Jesus Cris-*

A RESPONSABILIDADE QUE OS APÓSTOLOS ASSUMIRAM EM RELAÇÃO AO ENSINO NÃO FOI POR ACASO

to”. O apóstolo Paulo também teve esta compreensão logo no início do seu ministério aos gentios. Após a primeira viagem missionária (At 13; 14) e o concílio de Jerusalém (At 15.1-29), Paulo ensinou e pregou em Antioquia (At 15.35) e depois partiu para confirmar a fé nas igrejas que tinham sido fundadas (At 15.36). O mesmo apóstolo considerava o ensino como um dom espiritual conforme lemos em Romanos 12.7: “*Se é ministério, seja em ministrar; se é ensinar haja dedicação ao ensino*”.

Esta responsabilidade que os apóstolos assumiram em relação ao ensino não foi por acaso. Excetuando Paulo, que não conviveu com Jesus

durante seu ministério terreno, os demais apóstolos tiveram o privilégio de participar do cotidiano do Mestre e viram-no ensinar: “E percorria Jesus todas as cidades e aldeias, ensinando e pregando o evangelho do reino, e curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo” (Mt 9.35). Ele chamava as multidões para que aprendessem dele (Mt 11.29). Cristo apresentou-se como Mestre, pois de fato era: “Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque eu o sou” (Jo 13.13). Ele era e é o único Mestre, no sentido mais estrito da palavra: “Nem vos chameis mestres, porque um só é o vosso Mestre, que é o Cristo” (Mt 23.10).

Os apóstolos aprenderam que o ensino de Jesus não era simplesmente para que as pessoas adquirissem conteúdos religiosos. Ele ensinava as verdades do reino de Deus e diante das suas palavras os ouvintes eram necessariamente impactados (Mt 7.28,29). Certa vez, ao ensinar, houve uma reação típica de descomprometimento, conforme lemos em João 6.60: “Muitos pois dos seus discípulos, ouvindo isto, disseram: Duro é este discurso; quem o pode ouvir?” Diante da desistência de muitos, o Mestre voltou-se para os doze e perguntou: “Quereis vós também retirar-vos?” (Jo 6.67b). A pergunta de Jesus é um chamado ao compromisso e a resposta de Pedro demonstra a compreensão dos propósitos do ensino do Mestre: “Respondeu-lhe pois Simão Pedro: Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna. E nós temos crido e conhecido que tu és o Cristo, o Filho de Deus” (Jo 6.68,69). Para Pedro e os demais discípulos que continuaram seguindo a Jesus, o ensino dele tinha um valor não apenas para esta vida, mas para a eternidade.

O apóstolo aprendeu muito bem a importância de ensinar as verdades do Mestre, a ponto de colocar em risco a própria vida. Após ser preso com os outros e ser milagrosamente liberto pelo Senhor, ele voltou ao

OS APÓSTOLOS APRENDERAM QUE O ENSINO DE JESUS NÃO ERA SIMPLEMENTE PARA QUE AS PESSOAS ADQUIRISSEM CONTEÚDOS RELIGIOSOS. ELE ENSINAVA AS VERDADES DO REINO DE DEUS E, DIANTE DAS SUAS PALAVRAS, OS OUVINTES ERAM NECESSARIAMENTE IMPACTADOS

templo para ensinar: “E, ouvindo eles isto, entraram de manhã cedo no templo e ensinavam (At 5.21). E depois alegrou-se com o fato de ter sido julgado digno de padecer afronta pelo nome de Jesus (At 5.41).

Precisamos ensinar a mensagem do reino de Deus, sobretudo, atualmente, quando os membros de nossas igrejas estão constantemente expostos a todo tipo de influências malignas. A televisão e mais recentemente as mídias sociais estão à disposição 24 horas por dia com apostasia, espíritos enganadores, doutrinas de demônios e mentiras (1Tm 4.1,2) enquanto nós passamos apenas algumas poucas horas na igreja durante a semana. Nestas horas devemos otimizar ao máximo o ensino da Palavra de Deus e instruímo-nos sobre como vencer “todo mundo que está no maligno” (1Jo 5.19b). E como venceremos? A resposta está na primeira parte do versículo: “Sabemos que somos de Deus”. Ora, o único Deus, a quem nós servimos deixou-nos todo seu ensino na sua Palavra. Ensinar a mensagem do reino de Deus é resgatar a leitura e o estudo da Bíblia. Em Romanos 15.4 está escrito: “Porque tudo o que dantes foi escrito, para nosso ensino foi escrito, para que pela paciência e consolação das Escrituras tenhamos esperança”. Em 2Timóteo 3.16 lemos: “Toda a Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para

redarguir, para corrigir, para instruir em justiça”. E onde esta Palavra deve ser ensinada? Novamente lembremos Atos 5.42: “no templo e nas casas”. Ao longo da história, o ensino da Palavra de Deus sempre foi o alicerce para o povo manter-se fiel ao Senhor.

O ensino da Palavra de Deus era constante entre o povo de Deus. No livro de Deuteronômio 6.6,7 lemos: “E estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração. E as ensinarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te e levantando-te”. Entre os judeus, o ensino religioso começava na família, que era a base da sociedade. Os judeus consideravam os filhos como uma bênção de Deus (Sl 127.3-5) e a educação religiosa era iniciada no lar, logo que as crianças começavam a falar. Aprendiam memorizando os textos sagrados, vendo os símbolos do judaísmo, exercitando as práticas religiosas e sendo estimuladas a perguntarem sobre o significado do ritual anual da Páscoa. O pai ensinava aos filhos a religião e a história do povo, como também os preparava em uma profissão. A mãe ensinava as filhas a serem obedientes, preparando-as para serem no futuro, esposas que honrassem seus maridos. Todos eram ensinados para prática das boas maneiras e de um alto padrão moral. Além do ensino no lar, os filhos eram levados pelos pais para o culto público. Inicialmente no tabernáculo, depois no templo de Jerusalém e mais tarde nas sinagogas locais. Lá aprendiam sobre as Escrituras, a vontade de Deus e as festas religiosas. Nas atividades públicas, as crianças aprendiam não apenas sobre tradições nacionais, mas também a respeito da atuação de Deus em suas vidas. Quando Paulo conheceu Timóteo, viu no jovem convertido um grande potencial, devido à sua fé sincera ainda dentro do judaísmo. Mais tarde, em sua segunda carta a seu filho na fé, o apóstolo citou a importância da educação religiosa adquirida no



seio do lar. No capítulo 1, versículo 5, lemos: *“Trazendo à memória a fé não fingida que em ti há, a qual habitou primeiro em tua avó Loide, em tua mãe Eunice, e estou certo de que também habita em ti”*. Em 2Timóteo 3.15 está escrito: *“E que desde a tua meninice sabes as sagradas letras, que podem fazer-te sábio para salvação, pela fé que há em Cristo Jesus”*.

Nos primórdios da Reforma Protestante do século XVI foi dada uma grande ênfase ao ensino religioso. O princípio *Sola Scriptura* (Só a Escritura), um dos baluartes da fé protestante, teve como uma das consequências o interesse das igrejas em estimular seus membros a serem alfabetizados para estudarem a Bíblia. No século XVII na Inglaterra, os puritanos es-

creveram uma das mais brilhantes páginas da história da igreja, com uma forte ênfase na educação cristã, em que as crianças desde a mais tenra idade eram apresentadas ao ensino da Palavra de Deus. O pastor Errol Hulse afirma no seu artigo *O exemplo dos puritanos ingleses*: *“Primeiro a vida deve ser mudada e deve ser trazida sob o domínio de Cristo. A partir da igreja como o centro onde o crente deve ser inspirado pela pregação, ele sai para o mundo. No mundo, ele deve ser o sal da terra e a luz do mundo”* (Mt 5.13-16). Era o reflexo de uma vida piedosa de leitura da Bíblia e de oração, aliadas ao amor pelas almas perdidas.

Contudo, nos tempos modernos, o grande marco da educação cristã, foi a criação da Escola Bíblica Dominical.

A magistral instituição, conhecida mais popularmente como EBD ou Escola Dominical foi criada no ano de 1780, em Gloucester na Inglaterra, pelo jornalista Robert Raikes em um momento de grandioso avivamento espiritual. Ele percebeu que as crianças trabalhavam durante a semana e nos domingos ficavam pelas ruas, o que as levava aos maus costumes e, posteriormente, ao alcoolismo e à criminalidade. Em 20 de julho daquele ano, Raikes organizou uma escola para funcionar nos domingos, dando às crianças educação secular e, sobretudo, ensino religioso, tendo a Bíblia como livro-texto. John Wesley, o grande avivamentalista inglês do século XVIII, ao tomar conhecimento da iniciativa, passou a divulgá-la com



Escola Bíblica Dominical

Ensinando a Palavra de Deus

muito interesse. Pela graça de Deus, a ideia alastrou-se pelo país e em 1785 foi organizada em Londres a Sociedade para Promoção das Escolas Dominicais nos Domingos Britânicos. No ano seguinte, havia mais de 200.000 crianças matriculadas.

A boa-nova atravessou as fronteiras e chegou ao País de Gales, Escócia, Irlanda e à América. Nos Estados Unidos as Escolas Dominicais tiveram um enorme crescimento e receberam o formato que depois foi trazido para o Brasil pelos missionários pioneiros. Aliás, essas Escolas Dominicais foram fundamentais para a criação de escolas públicas, mostrando o quanto o protestantismo alavancou o progresso da educação secular moderna. O pastor e doutor em História, Alderi Souza de Matos, afirma em seu breve artigo – *Pequena história da Escola Bíblica Dominical* – que “a Escola Dominical é uma das instituições mais úteis, benéficas e duradouras da história do protestantismo. Ela se insere no contexto mais amplo da educação religiosa ou educação cristã, que sempre tem sido uma preocupação da igreja, desde os tempos apostólicos”. Particularmente entre os batistas, é bom ressaltarmos, que além da Es-

cola Bíblica Dominical, ainda temos Missões e Crescimento Cristão, todas voltadas para o desenvolvimento dos crentes, respectivamente, nas áreas doutrinária, missionária e de liderança eclesiástica.

Toda esta estrutura eclesiástica de nossa Convenção, baseada na “**sã doutrina**”, da qual Paulo fala em Tito 2.1, existe como ferramenta de ensino e tem sido muito útil. E enquanto aguardamos a vinda do Senhor Jesus devemos continuar “*pregando o reino de Deus, e ensinando com toda a liberdade as coisas pertencentes ao Senhor Jesus Cristo, sem impedimento algum*” (At 28.31). A divisa para este ano nos leva à reflexão de que a ordem que Cristo nos deu para ensinar (Mt 28.20) deve ser cumprida diligentemente “*enquanto é dia*” (Jo 9.4). Paulo nos alerta em Efésios 6.13: “*Portanto tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau, e havendo feito tudo, ficar firmes*”. Hoje, temos uma Constituição democrática em nosso país e podemos pregar o evangelho “*sem impedimento algum*”. Contudo, poderão vir dias nos quais o povo de Deus será perseguido e teremos que pregar e ensinar sob ameaças,

como ocorreu com os primeiros missionários evangélicos no século XIX e com os apóstolos na época da igreja primitiva.

Portanto, estejamos **ENSINANDO A MENSAGEM DO REINO DE DEUS**, tendo como base a Sua Palavra. O ensino é eficiente quando usamos as ferramentas corretas com honestidade intelectual, firmeza doutrinária e amor em nossas palavras. Contudo, a eficácia do ensino é decisiva quando vivemos aquilo que pregamos e ensinamos. Voltando ao versículo inicial deste artigo, Lucas 11.1, os discípulos confiavam no ensino do Mestre, porque viam o seu exemplo: “*E aconteceu que, estando Ele a orar num certo lugar, quando acabou, lhe disse um dos discípulos: Senhor, ensina-nos a orar, como também João ensinou aos seus discípulos*”.

Marinaldo Alves de Lima

Pastor da Igreja Batista em Sítio Novo em Olinda, PE. Formado em Administração pela UFPE, em Teologia pelo STBNB e História pela UFRPE, com Pós-graduação em Ensino de História das Artes e Religiões. Professor de História, Geografia e Arte da Escola Estadual João Matos Guimarães, Olinda, PE.